

Gargalhadas enterrarão o Império? Estratégias discursivas na literatura portuguesa pós-imperial

Will Laughter Bury the Empire?
Discursive Strategies in Portuguese Post-Imperial
Literature

Sabrina Sedlmayer
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Vincenzo Russo
Università degli Studi di Milano Statale - Itália

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2022.e96667>

Resumo

A literatura portuguesa pós-25 de Abril pode ser encarada também como uma literatura pós-imperial? Isto é, como uma literatura que não só vem “depois” do fim do Império mas que reage criticamente ao fim do Império através de inúmeras estratégias ideológicas e retóricas? A nossa ideia move da constatação de que existe na poesia e na prosa portuguesas do final do século XX e nas primeiras duas décadas do século XXI uma constelação de obras que usam do amplo espectro da veia cômica (ironia, sátira, farsa) para enfrentar os fantasmas e as fantasmagorias que ainda assombram o tempo presente português e a sua complexa relação com o passado colonial. O nosso exercício crítico irá privilegiar parte da obra de dois autores portugueses contemporâneos (ainda que de gerações diferentes): o poeta e médico Jorge de Sousa Braga (1957) que é possível identificar com a geração de 80 da poesia portuguesa do século XX, e a poetisa e ensaísta Patrícia Lino (1990) cujo *Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial* foi publicado agora em 2020.

Palavras-chave: Sátira; Descolonização; Literatura pós-imperial

Abstract

Can the post-April 25th Portuguese literature be faced as a post-imperial literature as well? Meaning, can it be faced as a literature that not only comes after the end of the Empire, but also as one that reacts critically to that end by means of numerous rhetorical and ideological strategies? Our idea stems from the realization that, in the end of the 20th century and in the first two decades of 21st, both in Portuguese prose and poetry, there is a constellation of works that make use of the broad spectrum of the comic vein (irony, satire, farce) in order to face the ghosts and the ghostliness that still haunt the present days of the Portuguese and their complex relation to the country's colonial past. Our critical exercise aims at privileging part of the works by two contemporary Portuguese authors (albeit from different generations): the poet and medical doctor Jorge de Sousa Braga (1957), who can be identified with the 1980s generation of Portuguese poetry, and the poet and essayist Patrícia Lino (1990), whose *Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial* (“The Portuguese Discoverer's Survival Kit in the Anticolonial World”, in loose terms) has just been published in 2020.

Keywords: Satire; Decolonization; Post-imperial Portuguese literature

Jorge de Sousa Braga: fragmentos de um discurso pós-imperial

A geografia poética do Portugal pós-*Empire* não se vai contentar com a perpetuação da imagem do «jardim à beira mar plantado» propagandeada pelo discurso nacionalista aproveitando o verso por demais abusado de Tomás Ribeiro.

«Quem irá transpor o mar em vez de nós?» interroga-se João Miguel Fernandes Jorge numa sua antologia geopoética que significativamente tem por título *A Pequena Pátria* (2002), onde o moderno «país de palavras» de António Ramos Rosa foi substituído por um pós-moderno «País de restos de palavras». Coube, de qualquer modo, a Ruy Belo redesenhar o mapa geopoético do século XX português através da poderosa ferramenta de um cartógrafo que é capaz de recolocar o espaço cultural na dimensão de uma temporalidade nova, aberta, possível (o Portugal futuro...): uma temporalidade que se pretende finalmente sincronizada com o relógio normal e normalizado da história portuguesa que deixe de funcionar como espelho hiperidentitário do presente e da sua ação no mundo. A representação geopoética do Portugal pós-*Empire* conota-se por uma preocupação que pretende normalizar o imaginário cultural da terra e dos homens. Se o complexo de hiperidentidade devolveu sempre uma imagem desproporcionada da cultura portuguesa, por excesso de passado *imaginário*, na poesia pós-74 é possível detectar muitas tentativas de desmitificar e desconstruir a parte mais perigosa e estratificada das mitologias nacionais e nacionalistas. Se a perda do Império significou, em termos de imaginário geográfico, uma nova coincidência entre espaço (nacional) e imagem cultural, isto deve-se à nova atitude para com a representação de Portugal como mar e do mar como Portugal. Portugal volta a ser europeu e a sua

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

cultura desmitifica a própria topografia enquanto celebração espacial de um destino. Em certos poemas de Jorge de Sousa Braga, por exemplo, dessacraliza-se a tradição, como acontece em “Sagres” onde a *orla* atlântica - limite geográfico e limiar simbólico do destino português - é objeto de um irreversível esgotamento mitológico. O sentimento totalmente antiépico, o hiper-realismo quotidiano mitigado por uma imaginação surrealizante, a doce e igualmente irónica crítica da monumentalização da História caracterizam estes versos que inscrevem Sagres, um dos centros da histórica e mitológica diáspora topográfica nacional, dentro de um espaço finalmente «normalizado» e livre de qualquer retórica.

SAGRES
Tenho só uma ponta de
Cigarro para fumar
E para apagá-la:
todo o mar¹

Talvez Sagres continue a representar uma fronteira geopoética de Portugal. Contudo, já não terá que desempenhar o ónus de «promontório sagrado», sinédoque da inteira *nação-navio*. Na esteira duma visão epistemologicamente mais «débil», o poeta identifica Sagres com uma paisagem pós-moderna onde é fruível todo o mar (tal como é fruível em qualquer cidade da costa) apenas para poder apagar anti-heroicamente um cigarro. Relicário de memórias imperiais, pelo menos nas incrustações das narrações oitocentistas e novecentistas da Nação, a Sagres de Jorge de Sousa Braga aceita o desafio de se re-imaginar no tempo presente não como um lugar de apagamento de memórias mas sim como espaço da possibilidade, da refundação de gestos antiépicos e mínimos como apagar um cigarro.

O riso, na esteira de Bergson, é sempre um gesto social que estigmatiza

1 BRAGA, Jorge de Sousa. *O poeta nu*, 1999, p. 83.

uma atitude potencialmente ameaçadora para a coesão do grupo. Rir não do próprio passado, mas sim do re-uso que foi feito de um certo passado através da assim chamada sacralização do Império que Salazar herda do século XIX. O século XX em Portugal é um longo século XIX até 1974.

Portugal volta a ser – depois da vocação atlântica – um país de Europa, a quem já não precisa de virar as costas, como ainda pretendia Álvaro de Campos declamando no cais de Lisboa o seu exaltado *Ultimatum*. Já em 1978, Eduardo Lourenço auspicava um processo de normalização imagológica para a cultura portuguesa como resultado de um renovado viver no mundo (e não necessariamente numa Sagres «qualquer») e com o mundo. Ainda não foi avaliado se este processo está concluído ou o caminho ainda está longe de ser percorrido. O que importa é que a *imagologia*, tal como é concebida por Eduardo Lourenço, pode ainda hoje contribuir para analisar as tentativas levadas a cabo por certa poesia das últimas quatro décadas (pós-25 de Abril) que consiste em desconstruir a mitografia cultural da História portuguesa como destino mítico que a retórica imperialista do regime salazarista tinha explorado até à exaustão.

Num poema escrito em 1980, portanto justamente no meio do caminho entre o fim histórico do Império e a entrada na Comunidade Económica Europeia (CEE), que se intitula “Portugal”, Jorge de Sousa Braga encena a fase de transição de Nação colonial para país europeu (ou melhor, a passagem de um país que se imagina Império para um país que se imagina Europa, utilizando a terminologia de Margarida Calafate Ribeiro). Entre o fim da descolonização e a entrada na Europa, o imaginário cultural português vai-se pouco a pouco normalizando e a febre do império não passa de um resfriado. Um dos melhores sintomas de que a poesia – tal como toda a cultura portuguesa – não advertiu o fim da geografia imperial como um trauma, são os versos de Jorge de Sousa Braga que utilizam a paródia para

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

desconstruir o arquivo fantasmagórico da mitologia salazarista, exorcizando todo o passado em excesso que, ao longo do séc. XX, pareceu nunca passar.

Portugal
Eu tenho vinte e dois anos e tu às vezes fazes-me sentir
como se tivesse oitocentos
Que culpa tive eu que D. Sebastião fosse combater os
infiéis ao norte de África
só porque não podia combater a doença que lhe
atacava os órgãos genitais
e nunca mais voltasse
Quase chego a pensar que é tudo mentira, que o infante
D. Henrique foi uma invenção do Walt
Disney
e o Nuno Álvares Pereira uma reles imitação do
Príncipe Valente
Portugal
Não imaginas o tesão que sinto quando ouço o hino
nacional
(que os meus egrégios avós me perdoem)
Ontem estive a jogar póker com o velho do Restelo
Anda na consulta externa do Júlio de Matos
Deram-lhe uns electro-choques e está a recuperar
aparte o facto de agora me tentar convencer que nos
espera um futuro de rosas

Portugal
Um dia fechei-me no Mosteiro dos Jerónimos a ver se
contraía a febre do Império
Mas a única coisa que consegui apanhar foi um
resfriado
Virei a Torre do Tombo do avesso sem lograr encontrar uma
pétala que fosse
das rosas que Gil Eanes trouxe do Bojador
Portugal
Se tivesse dinheiro comprava um Império e dava-to
Juro que era capaz de fazer isso só para te ver sorrir
Portugal
Vou contar-te uma coisa que nunca contei a ninguém
Sabes
Estou loucamente apaixonado por ti
Pergunto a mim mesmo
Como pude apaixonar-me por um velho decrepito e
idiota como tu
Mas que tem o coração doce ainda mais doce, que os
Pastéis de Tentúgal
E o corpo cheio de pontos negros para poder espremer

à minha vontade
Portugal estás a ouvir-me?

Eu nasci em milnovecentos e cinquenta e sete, Salazar
estava no poder, nada de ressentimentos
O meu irmão esteve na guerra, tenho amigos que
emigraram, nada de ressentimentos
Um dia bebi vinagre nada de ressentimentos
Portugal depois de ter salvo inúmeras vezes os Lusíadas
a nado na piscina municipal de Braga
ia agora propor-te um projecto eminentemente nacional
Que fossemos todos a Ceuta à procura do olho que
Camões lá deixou

Portugal
Sabes de que cor são os meus olhos?
São castanhos como os da minha mãe
Portugal
gostava de te beijar muito apaixonadamente
a boca².

O humor desse poema pode ser lido através da interpretação de Freud que fala de economia de energia psíquica: o humor nos poupa um momento de cólera (nada de ressentimentos). E aqui o humor também é um desafio, uma maneira irônica para se vingar do mundo: se o próprio sujeito poder rir do que é, existe ainda uma possibilidade de ele se salvar, de continuar sendo ou pelo menos de se sentir invulnerável até *como português de hoje*.

Patrícia Lino: um kit para descolonizar imaginários

Pelo signo do contraditório –oferecer um manual de sobrevivência para o que se deseja exterminar– o livro *O kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial* (2020), de Patrícia Lino, organiza um debate sobre o colonialismo português por meio de uma atitude criadora que suspende as figuras de linguagem tradicionalmente empregadas na conhecida produção literária portuguesa pós-colonial, e por meio da troça esboça uma

2 BRAGA, Jorge de Sousa. *O poeta nu*, 1999, p.17-19.

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

inflexão, novas possibilidades verbo-visuais. A hipótese que se levanta neste ensaio é a de que é possível reconhecer um certo diálogo com uma linhagem satírica, com afinidades com o que Augusto de Campos denominou um dia de “Os poetas malditos do maldizer”³ para definir os trovadores que, com argúcia e engenho, retiravam os olhos do ideal e empregavam a sua análise e descrição no ridículo e na mazela dos contemporâneos. Além dessa pertença, localiza-se também uma certa inflexão *pop* nesta obra que se utiliza da imagem, da noção de reprodutibilidade da mercadoria, tal como exemplificada pelas artes visuais pós 1945, especificamente pela *Pop Art*, com o intuito de transformar o passado histórico de Portugal numa série de objetos sem valor de troca, sem valor de uso.

Para nos aproximarmos desses dois pontos reflexivos, utilizaremos, exploraremos o argumento de que o *Kit* se assemelha ao *Kitsch*, ao mesmo tempo que trava diálogo com uma reprimida (mas vigorosa) cena da poesia portuguesa em que os vícios e as deficiências dos países e das pessoas que nele habitavam eram ridicularizadas, e o mundo era apresentado às avessas.

Da genealogia interna

Apesar de os paratextos que integram à edição se apresentarem em formato convencional (título, epígrafe, posfácio, sumário, editora, logo de apoio institucional, numeração, biografia da autora etc.) logo quando abrimos o livro percebemos que uma imagem acompanhará cada texto escrito, e que ambos estão inscritos num mesmo registro, num mesmo suporte, numa mesma impressão. Texto e imagem, lado a lado. Todo o livro obedece a uma mesma e repetida sequência: título, desenho, definição e instruções de como usar. Para José Luiz Passos, a autora “inventou uma

3 Cf. CAMPOS, Augusto de. *Verso, reverso, controverso*, 1988.

forma de literatura verbo-visual profundamente irônica, e cujo alvo é a vulnerabilidade do descobridor português em meio a um mundo que o desautoriza.”⁴. Mas não é tão seguro afirmar que se tratam de “poemas-piadas” já que poderiam também ser chamados de exercícios discursivos-imagéticos, poemas visuais, verbetes, receitas, anúncio publicitário, manual de instruções, peças avulsas de um guia de vendas de produtos quaisquer. E justamente na falta de uma orientação definitiva, na sua indefinição formal, é que o livro parece se ancorar. Se o título promete estratégias para superar as adversidades de um colonizador no século XXI, tal como um livro de autoajuda, o leitor/jogador a quem se dirige a empreitada é tomado como um português que ainda acredita na noção de descoberta num mundo em que tal palavra virou sinônimo de invasão.

Chegamos, assim, à conclusão que a forma é indefinida, mas o tema do colonialismo é uniforme, repetitivo, e organiza todo o debate. É o fecho que integra e uniformiza as quarenta entradas (ou capítulos) em que a história de Portugal é revisitada e exposta como uma espécie de catálogo de quinquilharias, sem vigor nem função. O que no início da Idade Moderna foi tomado como símbolo nacional, é aqui recuperado, no presente, como um objeto desafinado e anacrônico. O argumento do livro parece visar a desativar o imaginário de potência, rir da saudade, brincar com o labirinto da utopia imperial que um dia “colocou no centro da sua bandeira a esfera armilar, em suma, a representação do Universo”⁵, e debochar, assim, do sonho messiânico que parece ainda persistir em tempos atuais em que o poder público português, nomeadamente a câmara legislativa de Belmonte, empreende um projeto e se constrói um museu dos Descobrimentos, o DNM: A Descoberta do Novo Mundo, em 2018. No material de divulgação

4 PASSOS, José Luiz. Posfácio. In: LINO, Patricia. *O kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial*, p. 197.

5 LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade*. São Paulo, p.10.

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

do Instituto, lemos que é a oportunidade do visitante conhecer um dos maiores feitos da História humana: a descoberta do Brasil.

Ora, Patrícia Lino, na altura, responde a esse gesto com uma precisa imagem:



Figura 01 - Patrícia Lino, 2019.

A perambulação feliz daqueles que passeiam pelo local e sequer percebem o formato do caixão do projeto museológico talvez seja similar ao alvo que mira no projeto livro. Lino reconhece a existência não só de um imaginário vivo e atuante no presente, como percebe também uma ideologia e mítica imperiais. E como lidar com essa utopia viva que persiste?

As intervenções da jovem autora propõem recusar a mitologia sacralizadora inscrita, ainda, no mundo político, social e moral português

e passa a rasurar a saudade do passado. Para tanto, esforça-se para que seja lido todo o arsenal de mitologias nacionais como velharias, como objetos *kitsch* de tipo souvenir de gosto duvidoso, vendidos em cansadas zonas turísticas ou em cansadas lojinhas de aeroportos. Por isso a quantidade de jogos e brincadeiras e uma ideia de infantilidade rondam o livro, que se torna também um objeto mercadológico. Se o colonialismo é marcadamente materialista, a cultura burguesa continua a desejar o acúmulo, por isso oferece objetos irônicos capazes de jogar com o ponto de vista do colonizador (quase sempre homem, branco, imaturo). Ao questionar o espaço como propriedade, também lança mão do humor. E enxertando arte, história, mídias contemporâneas, empreende um curioso laço com uma linhagem satírica, afinando criticamente o passado e o presente.

Os poetas malditos do mal dizer

Em *Verso, reverso, controverso*, Augusto de Campos registra certo assombro com uma antologia que lhe é oferecida em 1970, cujo mérito vai além do literário e filológico, mas também carrega um valor ético-estético:

Não tenho dúvidas. A edição crítica das *Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses* que vem de ser publicada através da Editorial Galáxia (colección Filológica), da Galiza, pelo prof. Rodrigues Lapa, é um dos maiores eventos literários dos últimos tempos. Que os entendidos e os entediados disputem as nugas desse monumental trabalho que ressuscita a poesia satírica medieval em 428 composições⁶.

Campos argumenta que tal edição é responsável pela ruptura de um silenciamento durante séculos, nutrido por preconceitos moralizantes, que amordaçaram a voz daqueles que “não tinham só olhos postos no ideal;

6 CAMPOS, Augusto de. *Verso, reverso, controverso*. São Paulo, p. 107.

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

também fitavam as realidades quotidianas com os olhos de ver”. Em prol de “uma tradição realista obscurecida pelo bom tom literário”, responsável por erigir em torno da lírica do amor cavalheiresco de inspiração platônica a face mais conhecida do amor, o amor descortês foi reprimido. Gregório de Matos e Bocage são outros dois exemplos de autores que tiveram as suas obras censuradas e que podem ser somados a um vasto panorama de trovadores satíricos cujos trabalhos foram retirados do limbo. Soma-se a eles, um rol extenso catalogado posteriormente, também num gesto antológico, por Natália Correia, em *Antologia da poesia erótica e satírica* que revela a importância da sátira no âmbito da produção literária portuguesa que, segundo a autora, o cômico reside menos no conteúdo do que na expressão verbal. De outro modo, que a sátira se enriquece pela fantasia do verbo.

Sopa Campbell, mapa-mundi

Patrícia Lino parece, assim, se filiar a esse tronco zombeteiro que não se compadece nem se solidariza com aqueles que ainda corroboram com a criação de uma ficção do passado. A temporalidade a que se refere nos retornos às traquitanas imperiais esgarçam como as “geringonças” são patéticas. O rol é extenso: Fraquinho de mar português, Mapa mundi, Engenhinha, Race card, Casinha portuguesa, Diploma de branquitude, História do Banquinho racial...e mais uma dezena de objetos que podem ser vistos como um jogo, ou como um gatilho educativo que procura pedagogicamente, com agilidade e troca fácil, descolonizar o pensamento.

A relação do livro *O kit de sobrevivência do Descobridor português no Mundo Anticolonial* com a *Pop Art* surge em várias camadas: a escolha de signos e símbolos da sociedade de consumo, desenhos simplificados, reprodução de peças existentes, economia verbal, entre outros elementos

que também nos lembram o uso estereotipado e de chavões do *Kitsch*. O que se pesca da tradução cultural portuguesa seria o acervo nostálgico, sebastianista, imperialista. Este manancial é transformado ativamente via o humor. Ao cabo da leitura percebe-se uma crítica pontual à anacronia de tais posições ideológicas.

Como pode-se notar no capítulo reproduzido a seguir: a aventura do além-mar, o sentimentalismo de triunfo da posse, da conquista, é transformado numa bolinha anti-stress, de plástico, ridiculamente pequena, uma metáfora para se colocar entre as mãos.

Figura 02-

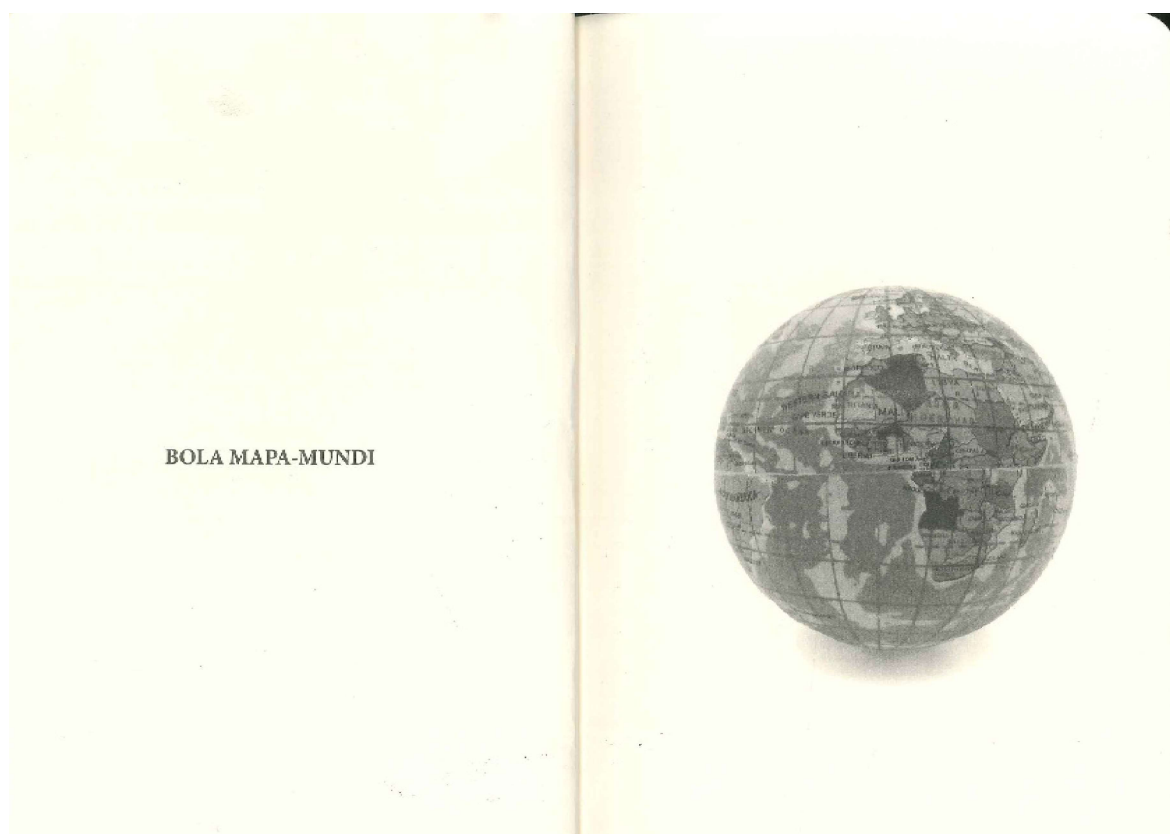
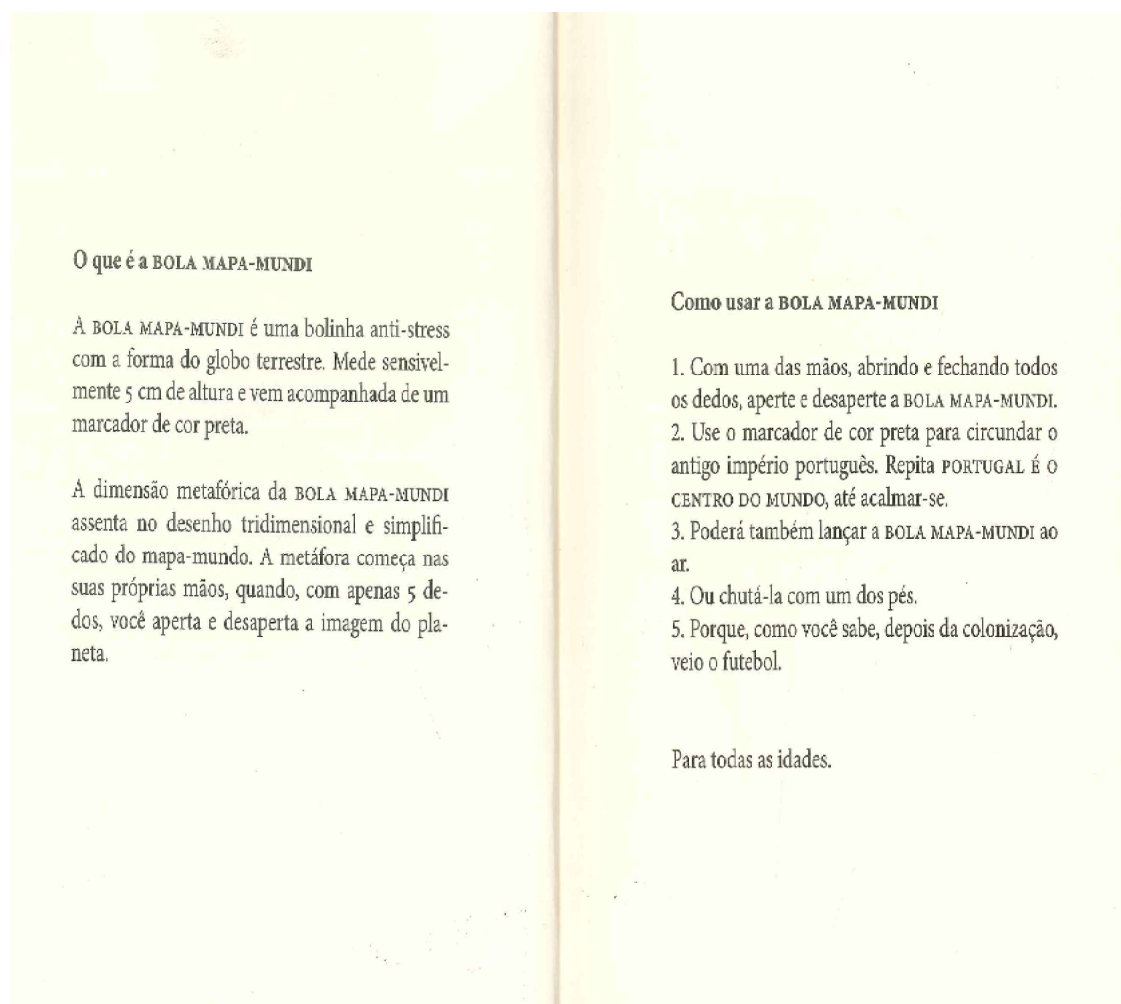


Figura 03 -



Conclusões provisórias

Sobreviver na costa atlântica (tal como recitava o título de um artigo de E.M.Melo e Castro sobre os destinos da poesia portuguesa Pós-25 de Abril) deixa de ser – pelo menos em certa literatura – a eterna glosa das glórias nacionais: o tempo português ainda pode ser um tempo normal, normalizado e normalizador como Eduardo Lourenço desejava em 1978 no *Labirinto da Saudade* ou como Ruy Belo auspicava para o “Portugal Futuro” do poema: «gostaria de ouvir as horas do relógio da matriz / mas isso era o passado e podia ser duro / edificar sobre ele o Portugal futuro». (Belo, 2004: 248). Os dois exemplos da literatura contemporânea trazidos neste texto reforçam, ainda, como há uma indefinida colocação e posição em

relação à história moderna. Sabe-se que foi pela literatura que a reelaboração do encontro entre europeus e americanos foi narrada. E até hoje, como podemos perceber pelo *boom* de romances de testemunho (e também de poesia como constatamos na *Antologia da Mémoire Poética da Guerra Colonial*, de Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi, entre outros títulos) que uma reelaboração reflexiva e crítica se operou. Vale recuperar como António Lobo Antunes narrou, obsessivamente, desde o final da década de 1970, as ruínas do sonho de expansão português. Mais do que isso, problematizou a identidade portuguesa através de uma sátira rigorosa. A resistência contra o salazarismo, o absurdo da guerra colonial e a leitura pormenorizada do argumento histórico vigente foram expressas de maneira narrativa e crítica como forma de “reelaboração colectiva e individual do evento que se tornou mais marcante, dando origem a perto de uma centena de romances sobre o tema e a milhares de poemas”⁷. A obra literária pode ser vista, assim, como releitura do arquivo colonial português.

Mas no caso particular de Souza Braga e de Lino, percebe-se uma abertura e novas estratégias para revisitar a conservação e transmissão da memória. Não há presença da melancolia, angústia, saudade diante dos restos e das perdas. Eles colocam em jogo o compósito dialógico de que ainda resta, no presente, da crença na superioridade de um povo eleito. Trata-se, assim, de um contraponto à melancolia da perda. Se distanciam, oferecem o riso diante daqueles que acreditam sobreviver ufanicamente na costa atlântica em tempos pós-imperiais.

⁷ RIBEIRO, Margarida Calafate; VECCHI, Roberto (Orgs.). *Antologia da Memória poética colonial*, 2011, p. 21.

Referências

CAMPOS, Augusto de. *Verso, reverso, controverso*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

BELO, Ruy. *Todos os Poemas – I*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

BRAGA, Jorge de Sousa. *O poeta nu*. 2ª ed. Lisboa: Fenda, 1999.

LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LINO, Patricia. *O kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial*. Lisboa: Douda Correria, 2020.

RIBEIRO, Margarida Calafate; VECCHI, Roberto (Orgs.). *Antologia da Memória poética colonial*. Porto: Afrontamentos, 2011.

Submissão: 17/05/2023
Aceite: 01/06/2023

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2022.e96667>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*